

O Limite da Empatia: Um estudo sobre a Abordagem de Casos Sensíveis no Jornalismo Brasileiro¹

Ruth Vânia da Silva Feitosa²

Roberta Pereira Diniz Batista³

Everton de Sousa Silva⁴

Thamyres Sousa de Oliveira⁵

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

Este estudo busca analisar falhas éticas cometidas pelo jornalismo audiovisual ao noticiar pautas sensíveis a partir de dois casos específicos: o caso Luighi e o caso Vitória. A pesquisa defende um jornalismo mais humano, que respeite a dor das vítimas e suas famílias, em vez de buscar apenas o sensacionalismo e se pauta em autores como Christofolletti (2008), Ribeiro (2019) e outros. Como técnica de análise, utilizamos a análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Por fim, acreditamos que é fundamental que os jornalistas sejam instruídos sobre comunicação empática e aprendam a redirecionar as técnicas em situações sensíveis.

Palavra-Chave: ética; jornalismo; responsabilidade social; temas sensíveis; sensacionalismo.

INTRODUÇÃO

Com frequência nos deparamos com situações em que o jornalismo age na contramão da responsabilidade social ao noticiar temas sensíveis como morte, racismo, violência contra as mulheres e outros. O cuidado com a informação que deveria fazer parte do cotidiano das redações jornalísticas é mais lembrado, muitas vezes, nas cobranças feitas pelo público em redes sociais.

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar falhas éticas cometidas pelo jornalismo audiovisual ao noticiar pautas sensíveis a partir de dois casos específicos: o caso Luighi (Coletiva de Imprensa) e o caso Vitória (Encontro com Patrícia Poeta). Para isso, adotamos os seguintes objetivos específicos: compreender a importância de um jornalismo ético e com responsabilidade social, avaliar a abordagem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESPI. E-mail: ruthvania068@gmail.com

³ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESPI. E-mail: robertabatista@aluno.uespi.br

⁴ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESPI. E-mail: ertons35@gmail.com

⁵ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). email: thamyressousa@pcs.uespi.br.

dos jornalistas diante das pautas sensíveis (Foco da pauta, qualidade das perguntas e comentários feitos, expressão facial e outros) e Avaliar o impacto da cobertura no que se refere à honra, imagem do cidadão e dignidade humana.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza como técnica de análise a análise de conteúdo categorial conforme Bardin (2011). Para isso, utilizamos as seguintes categorias de análise 1- Uso da ética e responsabilidade Social, 2- Abordagem dos jornalistas diante das pautas sensíveis e 3- Impacto da cobertura no que se refere à honra, imagem do cidadão e dignidade humana

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica do trabalho se dá por meio da discussão sobre ética com base em autores como Christofolletti (2008), Aristóteles (2001) e o próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, responsabilidade social do jornalismo pela ótica de Ijuim (2009) e Freire (1983) e também nos voltamos para aspectos da prática jornalística com base em Kalsing (2021) e Moraes (2022).

A ética, no âmbito das relações humanas, configura-se como um conjunto de princípios e valores que orientam a conduta dos indivíduos em sociedade. É fundamental que os indivíduos ao terem contato com códigos de ética “cultivem os valores ali expressos” (Christofolletti, 2008), o que requer uma adesão consciente e ativa a esses princípios.

Aristóteles (2001), em sua obra *Ética a Nicômaco*, argumenta que a virtude reside no equilíbrio entre os extremos, conceito conhecido como doutrina do “justo meio”. Para o filósofo, não existem regras absolutas para a conduta moral, mas a necessidade de encontrar o justo meio entre os excessos, algo que também pode ser aplicado às escolhas profissionais no jornalismo.

Nesse sentido, a objetividade jornalística pode ser interpretada como a busca por esse “meio-termo” entre a liberdade de imprensa, que se concretiza na capacidade de informar, fiscalizar e expor a responsabilidade social, que implica prevenir danos, proteger direitos e respeitar a dignidade humana. O desejo de um exercício jornalístico com responsabilidade está presente no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Em

seu artigo 10 do capítulo III, o código estabelece que “a opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade” (FENAJ, 2007).

A prática jornalística exige constante reflexão sobre os limites entre informar e preservar a integridade dos envolvidos no acontecimento. No entanto, observa-se o uso recorrente de estratégias que colocam esses princípios em risco, como o *clickbait*, técnica que manipula títulos e chamadas com o intuito de atrair cliques, mesmo à custa da veracidade da situação retratada (Kalsing, 2021). A autora aponta que essa prática, enfraquece os critérios editoriais pautados pela ética. Essa abordagem sensacionalista não apenas distorce os fatos, como também instrumentaliza o sofrimento alheio como isca de atenção.

Compreendemos que a responsabilidade social do jornalista se manifesta na capacidade de entender que sua prática impacta diretamente na vida das pessoas retratadas nas notícias e na percepção coletiva dos acontecimentos. Nesse contexto, Paulo Freire (1983) apud Ijuim (2009) oferece uma importante contribuição ao destacar a necessidade de uma comunicação dialógica e libertadora. Com isso, o comunicador deve ser um agente de transformação, atento e sensível à escuta ativa e especialmente nas coberturas desses temas delicados, como a morte, violência e o racismo.

Posto isso, entendemos que o jornalismo humanizado deve andar de mãos dadas com a ética e deve seguir na contramão da espetacularização do sofrimento. É nesse caminho que nasce um modelo de comunicação que valoriza a empatia, a escuta sensível das vítimas e o uso consciente da linguagem. No caso do racismo abordado ou não no jornalismo, Djamila Ribeiro (2018) nos alerta que, quando a cobertura jornalística ignora o contexto histórico e estrutural das opressões, ela reforça violências simbólicas e silencia vozes de pessoas que estão à margem da sociedade por séculos. Por isso, um jornalismo ético e justo precisa ser também antirracista, consciente de seu papel social e disposto a romper com narrativas excludentes.

O respeito à intimidade, à privacidade e à imagem do cidadão, conforme previsto no Art. 6º VIII do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é um princípio essencial para a construção de um jornalismo responsável. No livro *A pauta é uma arma de combate* de Fabiana Moraes (2022), oferece uma perspectiva essencial sobre como o jornalismo deve se posicionar diante de pautas sensíveis. A autora propõe que a subjetividade, seja incorporada de forma ética e consciente ao processo comunicacional.

Para a autora, o jornalista, longe de ser uma figura neutra, deve assumir uma experiência pessoal e cultural permitindo que essa vivência contribua para uma narrativa mais autêntica e engajada. Esse reconhecimento da subjetividade não significa distorcer os fatos, mas sim enriquecer a compreensão das questões sociais. Em pautas sensíveis, o jornalista deve ser capaz de equilibrar sua visão crítica com uma escuta atenta às realidades difíceis dos envolvidos, contribuindo para um jornalismo humanizado, capaz de promover não apenas a informação, mas também a transformação social.

ANÁLISE E/OU PRINCIPAIS RESULTADOS E/OU CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

O primeiro caso analisado refere-se ao fato envolvendo o jogador Luighi, atleta do clube brasileiro Sociedade Esportiva Palmeiras, que, durante uma partida válida pela Copa Libertadores Sub-20 contra o time paraguaio Cerro Porteño, foi alvo de ataques racistas por parte da torcida adversária após substituição. Durante a coletiva de imprensa, um repórter, sem mencionar os ataques sofridos pelo jogador, formulou uma pergunta superficial sobre o desempenho do time na partida. A reação do jogador, visivelmente afetado, expôs a inadequação da abordagem: “É sério isso? Não vai perguntar sobre o ato de racismo que fizeram comigo? Até quando a gente vai passar isso? O que fizeram comigo foi um crime, você não vai me perguntar sobre isso? Vai perguntar sobre o jogo mesmo?” (SANTOS, 2025) retrucou, enquanto chorava, evidenciando o desencontro entre o acontecimento vivenciado e a expectativa de tratamento responsável e sensível por parte da imprensa.

O episódio rapidamente ganhou destaque e foi amplamente debatido como um exemplo da falta de escuta ativa no jornalismo esportivo. Como alerta Djamila Ribeiro (2019), “quando a cobertura jornalística ignora o contexto histórico e estrutural das opressões, ela reforça violências simbólicas e silencia vozes de pessoas que estão à margem da sociedade por séculos”. Nesse sentido, ao não considerar o racismo sofrido por Luighi como pauta relevante a ser questionada com destaque, o jornalismo ali praticado perpetuou um histórico de invisibilização das dores da população negra.

O segundo episódio ocorreu durante uma edição do programa Encontro, transmitido ao vivo pela TV Globo e atualmente apresentado por Patrícia Poeta. Em março de 2025, durante a cobertura do caso de uma jovem assassinada brutalmente

Vitória Regina de Sousa, a apresentadora recebeu das autoridades que conduziram as investigações, em tempo real, informações sobre o suposto desfecho do crime, com detalhes até então desconhecidos pelos familiares e os repassou ao vivo.

A situação negligenciou os limites éticos da busca por exclusividade e evidenciou a falta de sensibilidade com a dignidade emocional de indivíduos diretamente afetados. Com base em Kalsing (2021), consideramos que práticas como essas enfraquecem os critérios editoriais pautados pela ética e acabam utilizando o sofrimento alheio como espetáculo, deslocando o foco do interesse público para a exploração da dor.

Ao avaliar essas duas situações - a entrevista com o jogador Luighi e a abordagem ao pai da vítima no programa *Encontro* - é importante ressaltar como o conceito de ética está inserido dentro da profissão jornalística, pois o exercício da ética dentro da profissão tem que ser visto como um ponderador de respeito aos direitos individuais e coletivos, reconhecendo que nem toda informação apurada deve ser usada ou publicada apenas para garantir que o interesse do público, ou seja de grupos específicos.

É fato que a atitude do profissional mediante a situação de Luighi, mostra a carência nas técnicas de reportagem adequadas para determinadas situações, uma vez que diante de um novo acontecimento os jornalistas não conseguiram flexibilizar a pauta inicial, que era a cobertura do jogo e atentar-se a um novo acontecimento, o racismo sofrido por um jogador em campo. Nisso a entrevista falhou ao não reconhecer a violência racial como o tema central, reduzindo o espaço de fala do entrevistado.

Da mesma forma, o caso envolvendo a jornalista e apresentadora Patrícia Poeta ao relatar em rede nacional fatos sensíveis sem cuidado com as fontes e envolvidos, mostra falta de sensibilidade e técnicas de reportagem. O jornalismo exercido ali coloca-se com uma função que não é sua, uma vez que antecipa informações que deveriam ser repassadas à família pela polícia e não desenvolve comunicação dialógica e libertador como define Freire (1983)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desses dois casos representa desafios éticos de forma significativa enfrentados pelo jornalismo ao lidar com temas sensíveis, como racismo e violência.

Em ambos os casos, a maneira como os repórteres abordam as fontes demonstra a falta de sensibilidade e empatia com as vítimas, acentuando o sofrimento e a dor. A busca por exclusividade e audiência não pode prevalecer sobre a dignidade e o bem-estar das vítimas e suas famílias. É fundamental que os jornalistas passem a ser formados em comunicação empática e ética, com ênfase em abordagens sensíveis e respeito aos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

CENASFLIX 150 FILMES. *Patricia Poeta entrevista o pai da Vitória e revela novos desfechos ao vivo (07/03/2025)*. [07 de março de 2025]. YouTube: **cenasflix 150 filmes**, 2025. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=skpX79C9vgY>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Códigos e regras do jogo. In: **CHRISTOFOLETTI, Rogério.** *Ética no jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 63-80.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* O lugar da fala na luta antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Brasília: FENAJ, 2007.

GE.GLOBO. *Luighi sofre racismo e chora muito! Palmeiras na Libertadores Sub-20 | #Shorts*, YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/qPHXWn2cLIQ?si=RXGOs7V-d3PQXI0y>. Acesso em: 16 abr. 2025.

IJUIM, Jorge Kanehide. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31–43, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/10060/7368>. Acesso em: 20 maio 2025.

KALSING, Janaina. *Jornalistas metrificados e a plataformação do jornalismo*. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, 2021.

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. 1. ed. São Paulo: Arquipélago Editorial, 2022.